# FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE – FPS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU ESPECIALIZACAO EM NEUROPSICOLOGIA

# A METACOGNIÇÃO E A MULTIPROFISSIONALIDADE: ESTUDOS PARA UMA ABORDAGEM VIVENCIAL EM INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Revisão do Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) como parte dos requisitos para conclusão da Pósgraduação em Neuropsicologia Clínica.

DISCENTE: ALEXSANDRO MARCOS FRANCISCO DOS SANTOS ORIENTADORA: MARIA TERESA BARROS FALCÃO COELHO

RECIFE, DEZEMBRO DE 2017.

**Autor:** Alexsandro Marcos Francisco Dos Santos

Função: Psicólogo, Concluinte da Pós-graduação em Neuropsicologia na Faculdade

Pernambucana de Saúde (FPS). Técnico Social do Programa Atitude, Secretaria

Executiva de Políticas Sobre Drogas (SEPOD), Secretaria de Desenvolvimento Social,

Criança e Juventude (SDSCJ) do Estado de Pernambuco. Coordenador do

Cirandandofatos, Projeto de Desenvolvimento Pessoal Para o Mundo do Trabalho na

ONG Ruas e Praças.

E-mail: allpsicol@gmail.com

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria Teresa Barros Falcão Coelho

Função: Doutoranda em Psicologia Clínica na Universidade Católica de Pernambuco

(UNICAP). Mestre em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco

(UFPE). Graduada e Bacharel em Psicologia pela UFPE. Docente do Curso de

Graduação em Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS). Docente

Permanente do Mestrado em Psicologia da Saúde (FPS). Docente de Cursos de Pós-

graduação na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), na Faculdade Frassinetti do

Recife (FAFIRE), no Instituto de Desenvolvimento Educacional (IDE) e na

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

**E-mail:** prof.teresafalcao@gmail.com

# **DEDICATÓRIA**

À minha família e ao entendimento que ela continuamente traz de que perseverar não significa perverter a relação com o outro ao ponto de que um se isole dos afetos de seus iguais por conta de buscas existenciais, bem como do entendimento, também trazido, de que compartilhar não é de modo nenhum dividir algo com o outro indiferente à realidade de que este outro se constitui o alguém a quem se deve projetar a intrínseca semelhança.

# **AGRADECIMENTO**

A Deus, em quem me movo, respiro e amo,

E em quem, no outro, encontro respostas Suas quando por elas clamo.

**RESUMO** 

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma revisão narrativa de literatura sobre as

possíveis contribuições dos estudos sobre Inteligência Emocional e Metacognição em

relação à qualificação profissional para o trabalho em equipes multiprofissionais. A

partir deste estudo, pretende-se contribuir com o desenvolvimento de propostas de

intervenção baseadas na Educação Emocional visando contribuir para a melhor

estruturação e desempenho técnico-pessoal de um profissional ainda na sua formação ou

especialização, no intuito de qualificar a condução deste, quando na sua atuação em

campo, no que diz respeito ao trabalho multiprofissional.

Palavras chave: Inteligência Emocional, metacognição, trabalho multiprofissional.

**ABSTRACT** 

The purpose of this paper is to develop a research with narrative bibliographical review,

in order to study the relationship between social groups (specifically undergraduate and

graduate students) in their interactions - mainly the conflicts -, trying to understand

how much an emotional education can contribute to a better structuring and technical-

personal performance of a professional, when still in the graduation or specialization, in

order to qualify her/his future conduction, in regard to multiprofessional work, when in

the field performance.

**Keywords:** Emotional Intelligence, metacognition, multiprofessional working.

I.	INTRODUÇÃO	08
II.	JUSTIFICATIVA	17
III.	OBJETIVOS	20
	3.1. Objetivo Geral	20
	3.1. Objetivos Específicos	20
IV.	MÉTODOS	21
	4.1. Desenho de Estudo	21
	4.2. Local de Estudo	21
	4.3. Período de Estudo	21
v.	RESULTADOS/DISCUSSÃO	33
VI.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
VII.	REFERÊNCIAS	53

# LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

MC	Metacognição
IE	Inteligência Emocional
VI	Vivências Interacionais
ER	Ética Relacional
MP	Multiprofissionalidade

# I. INTRODUÇÃO

A Inteligência Emocional (IE) há muito deixou de ser um tema novo na nossa contemporaneidade, no entanto, a assimilação desse conceito pelo senso comum parece não vir sendo acompanhada de aprofundamentos no que diz respeito às suas implicações enquanto ciência que interfere de maneira significativa nas relações sociais, posto tratarse de uma aptidão — quando bem desenvolvida — de extrema importância para as relações humanas e para tanto, enriquecedora de uma qualidade de vida sempre desejável (GOLEMAN, 2007).

Segundo Woiciekoski & Hutz, (2009, p. 3) citando Salovey e Mayer (1990), a IE pode ser definida como a "habilidade de monitorar os sentimentos e emoções próprios e dos outros, discriminá-los e utilizar essas emoções para orientar pensamentos e ações". E é irrefutável o entendimento acerca da contribuição que o conhecimento desta capacidade tem trazido às várias instancias em que vem se possibilitando o seu desenvolvimento: educação, desporto, corporações, tecnologia, etc., e a partir dessa perspectiva, de fato, não há como negar que a Inteligência Emocional possibilita ao indivíduo desenvolver suas competências emocionais, e que estas interferem positivamente nas habilidades sociais, e há muito já se concebe a realidade da sistematização do aprendizado de tais competências intermediado pela IE (GOLEMAN, 2007).

E neste sentido, é inteiramente arraigado no processo de aprendizagem dessas aptidões que aqui se buscará apoiar-se no entendimento de que, partindo do pressuposto de que as emoções são cognoscíveis e passíveis de serem apreendidas em seu discurso e linguagem levando o indivíduo a uma autocompreensão, é, portanto, totalmente possível que se desenvolva processos em favor de uma educação emocional (CARDEIRA,

2012). Cabendo neste caso o devido esclarecimento do que se venha conceber como Educação Emocional, é Pereira (2002, p. 29) que citando Antunes (2000), nos fala desta como um processo de alfabetização e que "alfabetizar emocionalmente é produzir com os alunos experiências através de jogos e estratégias vivenciadas, 'que aguçam suas funções e abastecem sua memória de informações, prontas para serem usadas". Desta forma, lançar mão de uma reflexão focando a IE, e esta direcionada para uma alfabetização emocional que estruture competências relacionais passíveis de qualificar interações humanas das mais variadas e dentro dos mais diversos contextos sociais, sugere a visualização da possibilidade – em um momento futuro – da construção de uma estratégia com fins de sistematizar uma abordagem interacional preconizada pelos achados em IE, e que parece ser de todo oportuna, especialmente quando nos deparamos com complexos sintomas sociais, como é o caso dos comuns conflitos relacionais em equipes multiprofissionais.

No entanto, não são muitas as publicações científicas que abordam o tema IE no Brasil (Gonzaga & Monteiro, 2011), e parecem poucas as inserções desse conhecimento que causem uma modificação positiva e significativa em espaços nos quais um nível razoável no desenvolvimento dessa habilidade interferiria de forma bastante prolífica no que diz respeito à interação do ser humano, primeiro consigo mesmo, e depois com o outro com o qual se relaciona, inclusive, nas – não poucas vezes – complicadas relações de trabalho, como se dá no caso das equipes multiprofissionais (MACEDO, 2007).

Nesse sentido, esse estudo procurará se basear na pesquisa em literatura, procurando entender a partir dos estudos de Salovey e Mayer, Goleman, Damásio, Moscovici e outros, que percepções podem ser extraídas das interações sociais, onde os conflitos se situam para além do seu valor utilitário, e mais especificamente se referindo as interações que se dão em trabalhos de equipes onde há a multiplicidade de

conhecimentos e que estas tragam sobre si a possibilidade de vivenciarem ambientes de atuação multiprofissional. Mas também o estudo procurará refletir sobre a possibilidade de que – em meio às constatações das dificuldades enfrentadas por equipes compostas, inevitavelmente, pela diversidade dos pensamentos – se possa conceber a ideia da propriedade de uma educação emocional, e que esta possa se dar ainda no ambiente acadêmico, e que, a partir desse pressuposto, esta educação emocional, possa patrocinar interferências positivas já desde a formação deste futuro profissional (ou já o profissional atuante, quando no caso do estudante de pós-graduação) que se prepara para, possivelmente, compor os quadros de equipes multiprofissionais.

O século XX foi permeado por um interesse significativo em relação à inteligência, e diversos teóricos se revezaram no que diz respeito ao desenvolvimento dos conceitos a ela relacionados, mas foi em 1938 que Thurstone, indo de encontro ao conceito de uma única e geral inteligência, proposta por Spearman (1904), propôs a ideia de decomposição da inteligência geral em sete fatores, ou pilares estruturais, que seriam: compreensão verbal, fluência verbal, aptidão numérica, visualização espacial, memória, raciocínio e velocidade perceptiva. Após essa mudança de paradigmas houve um período de abundantes contribuições no sentido de formular um entendimento mais preciso sobre a variedade da inteligência. Até que, na década de 1980 Howard Gardner trouxe, entre esses enriquecedores achados, o conceito que se convencionou entender por Múltiplas Inteligências, onde foi proposta a ideia de inteligências independentes, sendo elas: a inteligência lógico-matemática, linguística, musical, espacial, cinestésica e uma inteligência pessoal, sendo esta subdividida em suas instâncias, intra e interpessoal, e a partir daí se iniciou um percurso abalizador de um novo momento no que se referiu à conceituação da inteligência e que vieram a estruturar a tese lançada por Salovey e Mayer (1990), que se valendo dos achados de Thorndike (1936), onde é apresentada a

ideia de uma Inteligência Social, definiram academicamente pela primeira vez o conceito de Inteligência Emocional como uma subforma da Inteligência Social, (Woiciekoski & Hutz, 2009, p. 2-3).

Foi, pois, a partir dos achados da década de 1980 que o tema Inteligência Emocional surgiu para propor novos olhares sobre os entendimentos que se fizeram a respeito das competências humanas, quando Salovey e Mayer lançaram os primeiros substratos teóricos que se concatenaram a outras contribuições para compor a ideia que se tem hoje (GONZAGA E MONTEIRO, 2011). Esse conceito, de fato, se estende até os dias atuais, lançando sobre o entendimento científico uma nova configuração de ideias acerca de uma relação, até então imponderável: as emoções pensadas dentro da perspectiva de uma inteligência especifica (GOLEMAN, 2007).

Uma inteligência que transita pelas instâncias dos sentimentos e das emoções e que, por sua vez, guia a cognição e o comportamento (DAMÁSIO, 2012), ainda hoje se apresenta como uma ideia transformadora para os entendimentos científicos, muito embora, bem menos desconcertante do que antes, e a cada dia mais desafiante.

Somando-se a ideia de IE aparece nesse estudo o pensamento acerca da Metacognição (MC), onde, além de trazer em seu bojo, de forma bastante amadurecida, o conceito de cognição sobre a cognição, ou seja, "pode-se assim dizer que a Metacognição é a atividade mental por meio da qual outros processos mentais se tornam alvo de reflexão" (Davis, Nunes e A. Nunes, 2005 p. 211). E citando Flavel (1976), os autores trazem ainda que MC refere-se ao conhecimento que se tem sobre os próprios processos cognitivos, e produtos ou qualquer coisa relacionada a eles, isto é, o aprendizado das propriedades relevantes da informação ou dos dados. (Op. Cit p. 211). Assim a MC figura nessa pesquisa explicando e norteando processos de aprendizagem e

também autoconhecimento, e apresenta do mesmo modo em sua formulação a ideia de trabalhar essas estratégias cognitivas quando relacionadas com outras de caráter afetivo/emocional (ANDRETTA, SILVA, SUSIN & FREIRE, 2010).

Neste sentido, a abrangência das reflexões aqui dispostas toma um viés extremamente diverso. Levando em conta a MC e sua correlação com a Inteligência Emocional, pois segundo Andretta, Silva, Susin e Freire, a

"metacognição é o aspecto central na implementação de uma cultura do pensamento, uma vez que é por seu intermédio que se pode: construir conhecimentos e habilidades que tenham maior possibilidade de sucesso e de transferência; aprender estratégias de solução de problemas que sejam passíveis de serem autorreguladas; adquirir autonomia na gestão de tarefas e nas aprendizagens, auto-regulando-se e se autoajudando". (2010, p. 212).

Na afirmação supracitada as questões relacionadas à autorregulação e o fator se autoajudar deixam claro a relação bastante próxima com as peculiaridades da IE. E é possível visualizar essa proximidade, mais objetivamente, por intermédio de Goleman (2007, p.60) quanto fala que indivíduos a partir de uma "prática emocional bem desenvolvida têm mais probabilidade de se sentirem satisfeitos e de serem eficientes em suas vidas, dominando os hábitos mentais que fomentam sua produtividade", apresentando-nos assim a realidade de um processo de monitoramento e algo como uma autocooperação, próprios também da metacognição, e que auxiliam esse indivíduo no seu processo de desenvolvimento de competências relacionais. Mas o próprio Goleman traz ainda a ideia de uma autorregulação, também propostas nos entendimentos da MC, onde sugere a possibilidade de que se possa mesmo desenvolver um treinamento dessas pessoas no sentido de ajudá-las com essas aptidões: "é assim que o aprendizado emocional se entranha: à medida que experiências são repetidas e repetidas, o cérebro reflete-as como caminhos fortalecidos, hábitos neurais que entram em ação (...)"(2007,

p. 279), sugerindo em IE um caminho comum à Metacognição, ou seja, um tipo de monitoramento reflexivo durante a atividade, como propõem Andretta, Silva, Susin e Freire, quando trazem que "outro aspecto importante do processo metacognitivo é a conceituação metacognitiva de uma tarefa, que consiste na reflexão metacognitiva presente no momento em que se inicia uma tarefa ou durante a sua execução" (2010, p. 8). E outra vez Goleman consolida essa relação afirmando que "o domínio no campo emocional é difícil porque as aptidões precisam ser adquiridas exatamente no momento em que as pessoas em geral estão menos capazes de receber nova informação e aprender novos hábitos de resposta – quando estão perturbadas" (2007, p. 282).

Estes são apenas alguns dos aspectos norteadores que estabelecem a razão pela qual esses dois domínios (IE e Metacognição) serão apresentados aqui como desencadeadores do desenvolvimento das competências emocionais necessárias para uma melhor composição de habilidades relacionais que sejam úteis para gerar qualidade nas capacidades de interação, de modo a proporcionar que o estudante que destas se valha, possa, não só antever, como também se valer da potencialidade que tais domínios podem agregar às suas habilidades em formação, visando à melhoria de suas competências relacionais ainda no transcurso de sua vida acadêmica, bem como podem, também, resultar em uma mesma aquisição no que diz respeito aos estudantes de especialização, que (enquanto já atuando profissionalmente), podem – a partir da instrumentalização que vão vivenciando –, construir interfaces em prováveis ambientes de trabalho em que se possibilitem atuar sob a regência da Multiprofissionalidade (MP).

No entanto, um componente parece ser imprescindível para estruturar essa construção com fins do seu melhor resultado, e esse, não só perpassa o dilema ético como apresenta esse mesmo dilema no intuito de se coadunar com a ideia de uma Educação Emocional, isso tudo em razão da sua imprescindibilidade no que diz respeito

às relações humanas (DEPRAZ, 2005). A Ética Relacional (ER), então, se apresenta como base onde se sustenta a ideia de uma Educação Emocional, pois além de trazer uma relação muito direta com a presença, ou seja, o envolvimento relacional no sentido de espacialidade e *corporalidade*, tem em sua configuração ideias de autoconceito nutridas pela alteridade em função da interpessoalidade que se relacionam diretamente aos achados trazidos pela MC e Inteligência Emocional (FLANAGRAN (1996), apud. LA TAILE, 2010).

De fato a Multiprofissionalidade (MP) não é o foco dos objetivos deste trabalho, mas se constitui como foco indireto quando se pensa em um direcionamento muito comum de profissionais que se formam, no sentido de irem compor equipes multiprofissionais, e desse modo a MP – que, segundo Araújo, Vasconcelos, Pessoa e Forte (2017, p. 602) citando Alvarenga, apresentam como sendo "a justaposição de disciplinas distintas, em que os saberes especializados balizarão a atuação de cada profissional" –, é foco indireto duas vezes, primeiro, porque não é o seu formato ou a sua estrutura que entra no discurso deste trabalho, mas sim os acometimentos relacionais provenientes destes ambientes. Ou, dito de outra forma, os desgastes provocados por inabilidades relacionais em equipes (que dentre estas se encontra o já muito comum formato multiprofissional) é onde se concentram os esforços do processo de reflexão deste estudo. E segundo, porque é indiretamente que se pensa a MP quando se objetiva os estudantes ainda em formação como aspirantes de tais espaços. Por isso mesmo, essa Multiprofissionalidade como está sendo trazida aqui se dá mais a partir da presença de muitos entes de múltiplos saberes quando objetivando um mesmo fim funcional, do que necessariamente na formalidade de uma equipe interdisciplinar quando desenvolvendo um trabalho comum dentro de alguma organização (MACEDO, 2010).

Para tanto, pensa-se poder relacionar as reflexões aqui levantadas a grupos discentes que já vivenciem realidades parecidas, isto pensado quando nos deparamos com a realidade de que muitos desses grupos (quando na perspectiva de pósgraduações) já são profissionais formados, e que mesmo atuando na realidade do trabalho multiprofissional, jamais se depararam com a suposição de qualquer metodologia que envolva aprendizagem emocional e/ou vivências que supusesse qualificar sua prática profissional no aspecto relacional. Deste modo, é possível que no âmbito das academias de ensino possa surgir a oportunidade de qualificar comportamentos depreciativos dos objetivos profissionais – futuros ou já atuantes (no caso de estudantes de pós-graduação) – quando em atuação coletiva multiprofissional, mas que por sua vez não se faça isso, ou por inabilidade discente, ou por falta de interesse, ou pelo não conhecimento da possibilidade de fazê-lo.

É, pois, de uma Educação Emocional, passível de ser estruturante e mediadora de tantas outras intervenções técnicas, que Cardeira (2012) apresenta como domínio possível de se alfabetizar.

A educação é um dos processos de desenvolvimento humano que envolve relações interpessoais, sendo, por isso, influenciado por emoções. O conhecimento emocional é depois extrapolado para outras relações interpessoais extraescolares: amizades, familiares, profissionais entre outras. Educar para as emoções prevê também uma aprendizagem individual no sentido do autoconhecimento. A educação deve, portanto, incluir o desenvolvimento cognitivo, mas também o alfabetismo emocional. (2012, p. 6).

Portanto, a partir destas proposições é cabível também destacar a importância de uma observação mais atenta e que esteja voltada sobre as estruturas cerebrais e seus correspondentes cognitivos, entendendo que estes trazem em si, não só a oportunidade de dar uma nova perspectiva no entendimento do que se propõe a se apresentar como

Educação Emocional, como também se inclina a proporcionar um despertar para uma já tão necessária inclinação mais profunda – cientificamente falando –, no que diz respeito aos aspectos emocionais das relações entre os seres humanos nos seus muitos ambientes de convívio social.

### II. JUSTIFICATIVA

Muito se tem falado a respeito das dificuldades que equipes profissionais encontram para trabalharem em consonância entre si (Backes, Carpes, Piovesan, Haeffners, Büscher e Lomba, 2014, p. 278-279). O trabalho multiprofissional, além de identificado atualmente como preponderante para o desempenho de melhores resultados profissionais, especialmente na área da saúde (mas, que também pode ser visto como um fator ainda não consolidado nas interações entre agentes de diversos fazeres), é também reconhecido como domínio de difícil manejo por parte de profissionais das mais diversas áreas de atuação. Então, é possível projetar um entendimento no sentido de que a aquisição na ordem de um desenvolvimento das competências emocionais, quando conquistada pelos mais variados seguimentos profissionais, só tem a acrescentar enquanto melhoria dos serviços que são voltados para a sociedade como um todo. E no tocante a isto é possível perceber que as qualificações profissionais têm usualmente se preocupado mais com os valores técnicos e atribuído menor importância para a estruturação emocional deste profissional (Moscovici, 2013, p. 260), que por ter que lidar com outros agentes de conhecimento (também, imbuídos de muito tecnicismo), parece revelar uma flagrante necessidade de que à competência emocional/relacional deve-se delegar importância igual ou em medida aproximada com vias a um melhor fazer profissional. Para tanto, um preparo para as relações humanas dentro de uma visão também técnica deste manejo, possivelmente acarretará em uma qualificação das atuações, especialmente quanto implicar as relações entre agentes de diferentes áreas de conhecimento. E essa estrutura a ser preparada para lidar com as relações humanas, ditas interpessoais, bem como as outras estruturas técnicas implicadas no mesmo procedimento, passa, irrevogavelmente, por um processo educativo em moldes semelhantes aos demais, tendo por diferencial o aprofundamento de um conhecimento a nível intrapessoal, onde esse – por assim dizer – autoconhecimento, traduz-se em um processo de amadurecimento tão construtivo no sujeito, de modo que tais aprendizagens – supõe-se – têm em si a capacidade de proporcionar avanços, mudanças e qualificações que possivelmente atribuirão a cada estudante (de graduação ou pós graduação) implicado, uma melhor qualificação dentro da sua área de conhecimento quando se correlacionando com o outro, o diverso.

Parte-se do entendimento de que a partir da utilização de uma estratégia dentro do enfoque da MC e construída com fins educativos, se vá proporcionando interferências e desenvolvendo aprendizagens correlacionando-as ao recurso dos entendimentos trazidos pela IE, no sentido de que se entenda que não há como trabalhar um desenvolvimento de habilidades interpessoais sem que se desenvolva a habilidade intrapessoal, que diz respeito ao autoconhecimento. Então esses dois enfoques (no que se refere à Inteligência Emocional e à Metacognição) são o ponto de partida para a construção de um modelo de desenvolvimento humano que possa qualificar as relações de convívio em equipes com vias da MP, e, inevitavelmente, produzir qualificação de resultados profissionais, que não necessariamente precisam ser vistos somente quando o sujeito já estiver no seu campo de atuação, mas que – e a proposição que aqui se lança é essa – já na sua formação o estudante possa se deparar com essa realidade.

E é justamente para tais situações, irrefutavelmente percebidas em muitas ocasiões como situações-conflito, que parece não haver uma devida preocupação por parte, não só de corporações que têm em seu âmbito o modelo da MP, como também das instituições de ensino superior no sentido de preparar os profissionais que vão se formando, para se depararem, vivenciarem e se sobressaírem dessas tais situações-conflito de modo proveitoso no exercício da sua profissão, de forma que não deixe

também lastros nem lacunas que possam dirimir a qualidade de suas contribuições profissionais. Podemos ver isso bastante expresso em outra fala de Goleman (2007 p. 65) quando afirma que "no dia-a-dia, nenhuma inteligência é mais importante do que a intrapessoal. Se não a temos, faremos escolhas errôneas sobre quem desposar, que emprego arranjar e assim por diante (...)".

E essa, digamos, alfabetização emocional, parece ser mesmo possível a partir de que se possibilite uma mediação dos comportamentos emocionais de grupos que vivenciem, na prática, esses momentos de conflito dentro das academias de ensino superior, e não somente isso, mas também se permita que em tais grupos cada integrante possa se pensar em meio a esses momentos conflituosos utilizando-se para isso dos recursos proporcionados pela Metacognição e também da IE.

Por outro lado, esse estudo também se dá a liberdade de se prontificar em estabelecer uma sutil interseção entre esses dois conceitos apresentados como propositores e, também, a razão de uma ER, no sentido de que, ao se encontrarem esses três agentes de desenvolvimento, possam se apresentar como possibilidade de estimular a ideia de uma futura e possível intervenção, porquanto, esta Ética Relacional, se apresenta como teoria que se inteira na vivência prática de sua composição, fazendo com que a ética provoque respostas enquanto atitudes e não somente enquanto teorizações, podendo – e é o que se supõe – chegar, até por seu teor também terapêutico concernente ao que se entende por Educação de Laboratório", à possibilidade do desenvolvimento de interferências que bem poderiam ser conceituadas futuramente como Vivências Interacionais. A Educação de Laboratório foi apresentada por Moscovici (2013, p. 33), como sendo "um termo genérico aplicado a um conjunto metodológico visando a mudanças pessoais a partir de aprendizagens baseadas em experiências diretas ou vivências.

### III. OBJETIVOS

# 3. 1. Objetivo Geral

✓ Investigar estudos sobre Inteligência Emocional e Metacognição em relação à qualificação profissional para o trabalho em equipes multiprofissionais.

# 3. 2. Objetivos Específicos

- ✓ Relatar as relações conflituosas provenientes de comportamentos nos grupos de formato multiprofissional;
- ✓ Investigar as possíveis contribuições dos estudos sobre a Inteligência Emocional e a Metacognição para capacitar estudantes (especificamente de curso superior graduação ou pós-graduação) em suas interações principalmente em equipes multiprofissionais;
- ✓ Sugerir a possibilidade de uma mediação dessas relações conflituosas de grupo a partir de uma Educação Emocional, ainda nos processos de formação acadêmica superior, ou, especialização.

# IV. MÉTODOS

# 4.1. Desenho de Estudo

Revisão bibliográfica de tipo narrativa.

# 4.2. Local do Estudo

Não se aplica.

# 4.3. Período do Estudo

O estudo foi realizado entre os meses de novembro de 2016 e julho de 2017, de forma descontinuada, respeitando intervalos na última quinzena do mês de dezembro de 2016, a segunda metade do mês de fevereiro de 2017 e o mês inteiro de junho de 2017.

# V – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atendendo as normas do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), os resultados, juntamente com a discussão, deste TCC serão apresentados em forma de artigo, de acordo com as regras para publicação da revista Manual do Pesquisador do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP) Pós-Graduação Stricto Sensu do IMIP (2013).

23

A Metacognição e a multiprofissionalidade: Estudo para uma

abordagem vivencial em inteligência emocional.

Metacognition and multiprofessionalitu: A study for an experiential

approach in emotional intelligence.

ALEXSANDRO MARCOS FRANCISCO DOS SANTOS

Alexsandro Marcos Francisco dos Santos 1

Faculdade Pernambucana de Saúde

Maria Teresa B. Falcão Coelho<sup>2</sup>

Faculdade Pernambucana de Saúde

**RESUMO** 

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma revisão narrativa de literatura sobre as

possíveis contribuições dos estudos sobre Inteligência Emocional e Metacognição em

relação à qualificação profissional para o trabalho em equipes multiprofissionais. A

partir deste estudo, pretende-se contribuir com o desenvolvimento de propostas de

intervenção baseadas na Educação Emocional visando contribuir para a melhor

estruturação e desempenho técnico-pessoal de um profissional ainda na sua formação ou

especialização, no intuito de qualificar a condução deste, quando na sua atuação em

campo, no que diz respeito ao trabalho multiprofissional.

Palavras chave: Inteligência Emocional, metacognição, trabalho multiprofissional.

24

**ABSTRACT** 

The purpose of this paper is to develop a research with narrative bibliographical review,

in order to study the relationship between social groups (specifically undergraduate and

graduate students) in their interactions - mainly the conflicts -, trying to understand

how much an emotional education can contribute to a better structuring and technical-

personal performance of a professional, when still in the graduation or specialization, in

order to qualify her/his future conduction, in regard to multiprofessional work, when in

the field performance.

**Keywords:** Emotional Intelligence, metacognition, multiprofessional working.

<sup>1</sup> Acadêmico de pós graduação em Neuropsicologia pela Faculdade Pernambucana de Saúde – Recife – Pernambuco.

E-mail: allpsicol@gmail.com

<sup>2</sup> Docente da Faculdade Pernambucana de Saúde. E-mail: prof.teresafalcao@gmail.com

# I. INTRODUÇÃO

A Inteligência Emocional (IE) há muito deixou de ser um tema novo na nossa contemporaneidade, no entanto, a assimilação desse conceito pelo senso comum parece não vir sendo acompanhada de aprofundamentos no que diz respeito às suas implicações enquanto ciência que interfere de maneira significativa nas relações sociais, posto tratarse de uma aptidão – quando bem desenvolvida – de extrema importância para as relações humanas e para tanto, enriquecedora de uma qualidade de vida sempre desejável (GOLEMAN, 2007).

Segundo Woiciekoski & Hutz, (2009, p. 3) citando Salovey e Mayer (1990), a IE pode ser definida como a "habilidade de monitorar os sentimentos e emoções próprios e dos outros, discriminá-los e utilizar essas emoções para orientar pensamentos e ações". E é irrefutável o entendimento acerca da contribuição que o conhecimento desta capacidade tem trazido às várias instancias em que vem se possibilitando o seu desenvolvimento: educação, desporto, corporações, tecnologia, etc., e a partir dessa perspectiva, de fato, não há como negar que a Inteligência Emocional possibilita ao indivíduo desenvolver suas competências emocionais, e que estas interferem positivamente nas habilidades sociais, e há muito já se concebe a realidade da sistematização do aprendizado de tais competências intermediado pela IE (GOLEMAN, 2007).

E neste sentido, é inteiramente arraigado no processo de aprendizagem dessas aptidões que aqui se buscará apoiar-se no entendimento de que, partindo do pressuposto de que as emoções são cognoscíveis e passíveis de serem apreendidas em seu discurso e linguagem levando o indivíduo a uma autocompreensão, é, portanto, totalmente possível que se desenvolva processos em favor de uma educação emocional (CARDEIRA,

2012). Cabendo neste caso o devido esclarecimento do que se venha conceber como Educação Emocional, é Pereira (2002, p. 29) que citando Antunes (2000), nos fala desta como um processo de alfabetização e que "alfabetizar emocionalmente é produzir com os alunos experiências através de jogos e estratégias vivenciadas, 'que aguçam suas funções e abastecem sua memória de informações, prontas para serem usadas'". Desta forma, lançar mão de uma reflexão focando a IE, e esta direcionada para uma alfabetização emocional que estruture competências relacionais passíveis de qualificar interações humanas das mais variadas e dentro dos mais diversos contextos sociais, sugere a visualização da possibilidade – em um momento futuro – da construção de uma estratégia com fins de sistematizar uma abordagem interacional preconizada pelos achados em IE, e que parece ser de todo oportuna, especialmente quando nos deparamos com complexos sintomas sociais, como é o caso dos comuns conflitos relacionais em equipes multiprofissionais.

Nesse sentido, esse estudo procurará se basear na pesquisa em literatura, procurando entender a partir dos estudos de Salovey e Mayer, Goleman, Damásio, Moscovici e outros, que percepções podem ser extraídas das interações sociais, onde os conflitos se situam para além do seu valor utilitário, e mais especificamente se referindo as interações que se dão em trabalhos de equipes onde há a multiplicidade de conhecimentos e que estas tragam sobre si a possibilidade de vivenciarem ambientes de atuação multiprofissional. Mas também o estudo procurará refletir sobre a possibilidade de que – em meio às constatações das dificuldades enfrentadas por equipes compostas, inevitavelmente, pela diversidade dos pensamentos – se possa conceber a ideia da propriedade de uma educação emocional, e que esta possa se dar ainda no ambiente acadêmico, e que, a partir desse pressuposto, esta educação emocional, possa patrocinar interferências positivas já desde a formação deste futuro profissional (ou já o

profissional atuante, quando no caso do estudante de pós-graduação) que se prepara para, possivelmente, compor os quadros de equipes multiprofissionais.

Somando-se a ideia de IE aparece nesse estudo o pensamento acerca da Metacognição (MC), onde, além de trazer em seu bojo, de forma bastante amadurecida, o conceito de cognição sobre a cognição, ou seja, "pode-se assim dizer que a Metacognição é a atividade mental por meio da qual outros processos mentais se tornam alvo de reflexão" (Davis, Nunes e A. Nunes, 2005 p. 211). E citando Flavel (1976), os autores trazem ainda que MC refere-se ao conhecimento que se tem sobre os próprios processos cognitivos, e produtos ou qualquer coisa relacionada a eles, isto é, o aprendizado das propriedades relevantes da informação ou dos dados. (Op. Cit p. 211). Assim a MC figura nessa pesquisa explicando e norteando processos de aprendizagem e também autoconhecimento, e apresenta do mesmo modo em sua formulação a ideia de trabalhar essas estratégias cognitivas quando relacionadas com outras de caráter afetivo/emocional (ANDRETTA, SILVA, SUSIN & FREIRE, 2010).

No entanto, um componente parece ser imprescindível para estruturar essa construção com fins do seu melhor resultado, e esse, não só perpassa o dilema ético como apresenta esse mesmo dilema no intuito de se coadunar com a ideia de uma Educação Emocional, isso tudo em razão da sua imprescindibilidade no que diz respeito às relações humanas (DEPRAZ, 2005). A Ética Relacional (ER), então, se apresenta como base onde se sustenta a ideia de uma Educação Emocional, pois além de trazer uma relação muito direta com a presença, ou seja, o envolvimento relacional no sentido de espacialidade e *corporalidade*, tem em sua configuração ideias de autoconceito nutridas pela alteridade em função da interpessoalidade que se relacionam diretamente aos achados trazidos pela MC e Inteligência Emocional (FLANAGRAN (1996), apud. LA TAILE, 2010).

De fato a Multiprofissionalidade (MP) não é o foco dos objetivos deste trabalho, mas se constitui como foco indireto quando se pensa em um direcionamento muito comum de profissionais que se formam, no sentido de irem compor equipes multiprofissionais, e desse modo a MP – que, segundo Araújo, Vasconcelos, Pessoa e Forte (2017, p. 602) citando Alvarenga, apresentam como sendo "a justaposição de disciplinas distintas, em que os saberes especializados balizarão a atuação de cada profissional" –, é foco indireto duas vezes, primeiro, porque não é o seu formato ou a sua estrutura que entra no discurso deste trabalho, mas sim os acometimentos relacionais provenientes destes ambientes. Ou, dito de outra forma, os desgastes provocados por inabilidades relacionais em equipes (que dentre estas se encontra o já muito comum formato multiprofissional) é onde se concentram os esforços do processo de reflexão deste estudo. E segundo, porque é indiretamente que se pensa a MP quando se objetiva os estudantes ainda em formação como aspirantes de tais espaços. Por isso mesmo, essa Multiprofissionalidade como está sendo trazida aqui se dá mais a partir da presença de muitos entes de múltiplos saberes quando objetivando um mesmo fim funcional, do que necessariamente na formalidade de uma equipe interdisciplinar quando desenvolvendo um trabalho comum dentro de alguma organização (MACEDO, 2010).

É, pois, de uma Educação Emocional, passível de estruturante e mediadora de tantas outras intervenções técnicas, que Cardeira (2012) apresenta como domínio possível de se alfabetizar.

A educação é um dos processos de desenvolvimento humano que envolve relações interpessoais, sendo, por isso, influenciado por emoções. O conhecimento emocional é depois extrapolado para outras relações interpessoais extraescolares: amizades, familiares, profissionais entre outras. Educar para as emoções prevê também uma aprendizagem individual no sentido do autoconhecimento. A educação

deve, portanto, incluir o desenvolvimento cognitivo, mas também o alfabetismo emocional. (2012, p. 6).

Portanto, a partir destas proposições é cabível também destacar a importância de uma observação mais atenta e que esteja voltada sobre as estruturas cerebrais e seus correspondentes cognitivos, entendendo que estes trazem em si, não só a oportunidade de dar uma nova perspectiva no entendimento do que se propõe a se apresentar como Educação Emocional, como também se inclina a proporcionar um despertar para uma já tão necessária inclinação mais profunda – cientificamente falando –, no que diz respeito aos aspectos emocionais das relações entre os seres humanos nos seus muitos ambientes de convívio social.

### Método

O presente trabalho se propôs a realizar um estudo através de revisão bibliográfica do tipo narrativo, portanto, não foram esgotadas as fontes de informação sobre o tema, do mesmo modo que aqui não se esgota a discussão do mesmo. A estratégia de busca da literatura utilizada se deu da seguinte forma: primeiramente foram utilizadas três literaturas pilares, sendo estas os livros, Inteligência Emocional de Daniel Goleman, que já era objeto de estudo do pesquisador, em seguida se buscou adquirir as outras duas, sendo elas, O Erro de Descartes de Antônio Damásio e Desenvolvimento Interpessoal de Fela Moscovici, adquiridos junto a livrarias virtuais. A partir destas literaturas e traçando um paralelo com o tema proposto outras literaturas foram sendo buscadas, ora por meio de aquisição de livros junto a livrarias (físicas e virtuais), ora por meio de downloads em sites confiáveis da rede mundial de computadores, sendo o Scielo e o Google Acadêmico os mais acessados.

Todo material lido e ponderado era, então, redigido no formato do trabalho, que hora se apresenta, e não poucas vezes esse mesmo trabalho precisou ser revisto e corrigido por motivos diversos, entre eles, o erigir de outros entendimentos que emergiam em meio a essa relação: leitura, reflexão, entendimento.

### Resultados

A partir dos entendimentos direcionados pela leitura dos teóricos vistos durante a aplicação dedicada ao presente trabalho, foi visto que, os conflitos em equipes multiprofissionais são comuns e que proporcionalmente suas consequências são desastrosas, isso não só para os profissionais como também para os que dependem de seus serviços e atuações. Nesse sentido, o resultado a que se chega nesse estudo se dá na ordem de uma compreensão bastante sólida proporcionada pela literatura lida de que a Inteligência Emocional e a Metacognição podem figurar como mecanismos propulsores de um desenvolvimento no nível das habilidades de interação das pessoas, entendidas aqui como agentes profissionais dentro das mais diversas áreas de atuação, e que estes mesmos agentes podem se valer de uma educação emocional que seja organizada no sentido do despertamento de uma autoconsciência, que ao mesmo tempo vai servir de estímulo da expressão empática necessária à uma harmonia das relações sociais que seja suficiente para a utilização dos conflitos como vetores de amadurecimento pessoal, e, também, do fortalecimento funcional de uma coletividade.

É possível chegar ao entendimento também, de que essa (permita-se dizer) alfabetização emocional seja capaz de qualificar o desempenho profissional dos integrantes de equipes multiprofissionais, desde que a mesma se insurja em meio à formação técnica de estudantes com o mesmo peso estruturante das outras tantas competências estimuladas no processo de ensino aprendizagem, isto porque, ao compreender a importância do desenvolvimento pessoal para qualquer fazer técnico, e da mesma forma, ao se entender que qualquer desempenho técnico não se dá à revelia da melhor harmonia, no que diz respeito à interpessoalidade – isso quando na perspectiva das relações multiprofissionais –, vê-se a imprescindibilidade de tal

domínio, do mesmo modo como se permite dimensionar a necessidade de que tal desenvolvimento urge ser proposto às formações de estudantes que sejam potenciais integrantes de tais equipes.

### Discussão

Com a facilidade com que nos inclinamos a pensar sobre as coisas, os fenômenos e o mundo que nos cerca, hoje, nem nos damos conta de que o pensar foinos um desafio desde o princípio de nossas vidas. Não seria surpreendente, então, depararmo-nos com a realidade de que essa atividade designada pensamento continua sendo um desafio até os dias atuais. E este é um desafio que nos lança cada vez mais a outros e maiores desafios. Quando as descobertas se nos propõem, as relações se manifestam ao entendimento, e estes últimos se pronunciam aos domínios do saber, tem-se plena ciência de que estamos nos deparando apenas com um dos muitos degraus que nos convidam a avançar em direção ao conhecimento de horizontes, por vezes, dos mais inimagináveis da existência humana.

Quando se fala de metacognição está se referindo a uma superior capacidade tendo como referência processos cognitivos. Andretta, Silva, Susin e Freire (2010, p. 10), trazem que a MC "trata-se de um tipo de conhecimento que se ocupa do conhecimento (no nível cognitivo)" e que por causa da sua importância, no que diz respeito ao desenvolvimento do conhecimento, é esta supracapacidade que, impreterivelmente, atravessa os processos de aprendizagem e a tomada de consciência, mas que, primordialmente, apresenta-se como possibilitadora de uma tomada de consciência do próprio processo de conhecer.

A metacognição desenvolve-se a partir da capacidade do homem de refletir sobre o seu processo de conhecimento, durante a realização de tarefas, sobre os processos mentais que facilitam essa realização sobre as estratégias que utiliza para a resolução de problemas (ANDRETTA, SILVA, SUSIN, FREIRE, 2010, p. 9).

Ora, podemos entender que a metacognição está sendo apresentada aqui nesse estudo como uma estratégia que a torna capaz de agir como fomentadora de uma mediação das relações multiprofissionais (entendida aqui como multiprofissionalidade), com fins de um melhor aproveitamento destas relações. Para tanto, é sabido que este formato de trabalho multiprofissional, de acordo com Macedo

é produtor de tensões e conflitos, relacionados ao poder e aos interesses em jogo, podendo também vir a produzir desgaste e alienação nos processos de trabalho, bem como problemas de comunicação e relacionamento, que acabam tendo como depositários, os usuários dos serviços. (2007, p. 34).

No entanto, em se tratando desta competência nas interações sociais, sabe-se, que nem todos demonstram desenvolvimento no desempenho desta aptidão, muito embora tais habilidades sejam recursos comuns a qualquer indivíduo. Goleman cita Gardner quando este se refere a estas aptidões denominando-as de Inteligências Pessoais, e subdividindo estas últimas em duas instâncias: aptidões interpessoais e a aptidão intrapsíquica, (GOLEMAN, 2007), sendo, em linhas gerais, a primeira instância a capacidade do indivíduo de se relacionar com o meio social de forma qualificada, produtiva e harmônica, e a segunda instância como sendo a capacidade do indivíduo de se relacionar com o seu eu pessoal nos mesmos moldes. Esses são domínios da IE e como toda inteligência, requer treinamento para que se possa elevar os seus níveis de desempenho a qualificações superiores. Porém, é sempre importante que se faça uma distinção no que se refere ao tema inteligência, pois, diferentemente da inteligência convencional, ou seja, do já tão massificado e razoavelmente entendido quociente de inteligência, a IE tem outros padrões de qualidade, resposta, desenvolvimento e aplicação. E é justamente chamando a atenção para este fato que Goleman (2007, p. 60), destaca que "saber que uma pessoa é um excelente aluno é saber apenas que ela é muitíssimo boa na obtenção de boas notas. Nada nos diz de como ela reage às vicissitudes da vida".

É, pois, nesse âmbito das relações interpessoais, que Goleman denomina de "vicissitudes da vida", que a IE tem proeminência no que se refere a preconizar os caminhos propostos para a conciliação de momentos que se propõem dicotômicos, sendo, neste caso, mediar um deslocamento da desagregação à harmonia, e isto no que concerne a relações conflituosas, ou mesmo infrutíferas, dentro da esfera da MP. Pois segundo a proposta de Goleman, Boyatzis e Mckee, conforme citado em Rêgo, Brunelli e Rocha (apud. GONZAGA E MONTEIRO, 2011 p. 229), autoconsciência, Autogestão, Consciência Social & Administração de Relacionamentos são as competências emocionais pilares onde haja desenvolvimento das habilidades em IE.

E é interessante observar que essa autoconsciência que aparece logo no primeiro plano da proposta dos autores supracitados parece mesmo ser o ponto de intersecção entre a Inteligência Emocional e a MC, pois essa autoconsciência, que sempre figura como primordial em qualquer trabalho em IE, se assemelha muito em sua dinâmica com o que é proposto no desenvolvimento metacognitivo. Isso pode ser observado ao perceber que assim como a IE é apresentada como – de acordo com Salovey e Mayer apud Gonzaga & Monteiro (2011 p. 225) –, "a capacidade do indivíduo monitorar os sentimentos e as emoções dos outros e os seus, de discriminá-los e de utilizar essa informação para guiar o próprio pensamento e as ações", a MC é a capacidade que uma pessoa tem de compreender os processos que utiliza para a aquisição do conhecimento, ou seja, tem como norte para o seu estabelecimento (dito de forma bastante sucinta) a disposição de pensar o que se pensa (ANDRETTA, SILVA, SUSIN, FREIRE, 2010, p. 9).

Se valendo, pois, do significativo aporte no que diz respeito à aprendizagem, a metacognição, talvez, traga sobre si o caráter de maior importância quando se revela mecanismo de autoconsciência, posto – no que tem por imperativo a ação cognitiva –, segundo Davis, Nunes, A. Nunes (2005, p. 211), "valorizar mais o processo de conhecimento do que os conhecimentos resultantes desse processo". Já a IE se apresenta como um domínio que se estabelece mais pelo – dito também sem muitos aprofundamentos – pensar no que se sente, ou, o que se sinta. Por outro lado, pode-se chegar a compreensão sem muitas dificuldades de que a IE também se utiliza da razão de uma autoconsciência para traçar caminhos de desenvolvimento das suas habilidades, quando se entende que a autoconsciência, em suma, significa estar "consciente ao mesmo tempo de nosso estado de espírito e de nossos pensamentos sobre esse estado de espírito" (Mayer apud. Goleman, 2007, p. 71).

Entendendo todos os desafios propostos pelas dificuldades apresentadas nas relações multiprofissionais, e antevendo a possibilidade de tais dificuldades serem minimizadas por um processo de alfabetização emocional que se dê ainda no âmbito da academia, em quando se trabalhe na formação dos futuros profissionais (ou dos já profissionais quando no caso de estudantes de pós-graduação) prestes a vivenciar os dilemas das relações multiprofissionais, e ao mesmo tempo percebendo essa junção inextricável de habilidades autoconscientes, tanto a que é trazida pela MC quanto a que é apresentada pela IE, é possível observar, o tempo todo, a prevalência do pensamento nesse processo de desenvolvimento de tais competências. No entanto, já se tem a compreensão de que são processos distintos de pensamento e que cada qual tem a sua aplicação no que concerne interferir de forma salutar nas intercorrências causadas pelas incompatibilidades relacionais presentes na MP, e nesse sentido, é Goleman (2007, p. 167), que mais uma vez diz que "o trabalho em equipe, a existência de canais abertos de

comunicação, a cooperatividade, o saber escutar e dizer o que se pensa, são (...), declaradamente, rudimentos de inteligência social".

Se pensarmos que as situações conflituosas dentro de equipes multiprofissionais não são um problema em si (até porque, a ideia de conflito está para além de ser vista como problemática, na verdade, segundo Moscovici (2013 p. 213), os conflitos têm sido vistos como "componentes inevitáveis e necessárias da vida grupal"), chegamos a compreensão de que são as formas de abordar a questão que de fato compromete o melhor aproveitamento da relação conflituosa. Portanto, vai ser a forma como cada um se coloca que vai dissolver ou acirrar um determinado conflito, e pode-se entender que cada um se coloca em relação a um tema conflituoso da maneira como se vê, como vê o outro e também como vê uma determinada questão em pauta.

Pensar é um processo ao mesmo tempo exploratório e avaliativo, que se projeta tanto sobre o agente do pensamento quanto a algum outro objeto externo de sua reflexão. É uma atividade de contínua reflexão de situações, onde pode ir da construção de percepções da realidade até a construção de criações autorais sobre esta mesma realidade, no entanto, como nos traz Davis, Nunes, A. Nunes (2005, p. 208), "quando a atividade mental se volta para a resolução de problemas, dizemos que o pensamento assume a forma de raciocínio". Por outro lado estes autores depois de reconhecerem as muitas formas de aplicar o raciocínio, apresentam duas que são estruturantes do processo de pensar: o raciocínio dedutivo e o raciocínio indutivo (DAVIS, NUNES, A NUNES, 2005, P. 208), imprescindíveis para exercer a atividade do pensamento dentro desta ótica preconizada pela interação entre MC e Inteligência Emocional.

Em suma, o raciocínio indutivo é o processo de construir ideias a partir da experiência. Já o dedutivo refere-se ao processo de aplicar

ideias gerais ou conceitos a problemas específicos na experiência. Raciocínio indutivo envolve alocar significados por meio da busca deliberada dos fatos da experiência, sua categorização e construção teórica. (DAVIS, NUNES, A. NUNES, p. 208. 2005)

Neste sentido é preciso destacar um contexto do raciocínio que se apresenta extremamente útil aos entendimentos aqui trabalhados, muito embora, pareça ser um achado de pouca repercussão no meio acadêmico, referindo-se neste caso de uma íntima relação entre emoções e cognição apontada por Damásio (2012) e que surge para interferir diretamente nos entendimentos acerca de raciocínio trazido pela MC e lançados sobre a ótica de uma inteligência intrapsíquica que preconiza a autoconsciência também objetivada pela Metacognição.

A emoção é a combinação de um processo avaliatório mental simples ou complexo, com respostas dispositivas a esse processo, em sua maioria dirigidas ao corpo propriamente dito, resultando num estado emocional do corpo, mas também dirigidas ao próprio cérebro (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral) resultado em alterações mentais adicionais. (DMÁSIO, 2013 p. 135)

Quando o Dr. Damásio apresenta a ideia de um raciocínio que tem a capacidade de construir uma dialética prolífica com as emoções e que, por sua vez, alimenta as funções executivas de arranjos de respostas referentes à cognição, corrobora com a ideia de que a autoconsciência alcançada tanto pelo trabalho metacognitivo quanto pelo desenvolvimento de uma competência emocional, tem a capacidade de facilitar, como estratégia e recurso, a aquisição de um aparato organizado cientificamente e que possa trabalhar o corpo e suas dinâmicas, enquanto autoanalisado sob a perspectiva de suas emoções e sentimentos, quando refletindo suas vivências, e interações com o meio. Até porque, como disse Damásio (2013 p. 131), "sentir os estados emocionais, o que equivale a afirmar que se tem consciência das emoções, oferece-nos flexibilidade de resposta com base na história específica de nossas interações com o meio ambiente".

É possível, então, entender raciocínio de um modo mais complexo e completo quando pensado enquanto uma cognição que se relaciona de forma não superficial com as emoções e sentimentos. Não esquecendo por sua vez, que estes últimos têm estrita relação com os estados corporais fazendo com que essa interação entre Vivências Interacionais e a autopercepção, proporcionada tanto pela MC quanto pela IE, sejam bem possíveis de serem entendidas como ferramentas eficazes para o que vem sendo disposto aqui, quando que tais proposições têm por objetivo interferir em questões arraigadas nas relações interpessoais, que, por sua vez, são carregadas de emoções — como se dá com as desarmonias não pouco frequentes nas relações onde se vivencia a MP. E esse é o entendimento que se chega quando se concebe o que Moscovici (2013 p. 256) apresenta, dizendo que "desenvolver nossa capacidade de lidar com emoções, sentimentos, atitudes, valores e intuição é tão essencial quanto desenvolver as aptidões cognitivas, a fim de alcançar um desempenho profissional competente e produtivo".

É nesse sentido que as emoções ganham um caráter diferenciado nesse trabalho, quando se torna referência da autoconsciência e quando se apresenta como base de onde partem as avaliações, investigações, e por que não propor, para um futuro não muito distante, que se possam também, partir destas, direcionamentos interventivos, que se pressupõe possam ser feitos, posto que, seguindo indiferente às emoções fica-se como que sem um sentido regente para se trabalhar as relações humanas de modo geral. Pois de acordo com Damásio (2013 p. 128) "As emoções não são um luxo, elas desempenham uma função na comunicação de significados a terceiros e podem ter também o papel de orientação cognitiva".

Entretanto, é importante destacar que a imprescindibilidade de uma consciência de si mesmo, quando considerada a partir das relações com o outro – fator de extrema importância quando se concebe que o outro é sempre parte preponderante das interações

de grupo em que todos integram entre si –, traz em si o imperativo de potencializar esse – proposto aqui – veículo condutor de percepções, ou seja, as VI, e que é trazido aqui como proposta de ser meio de se alcançar um deslocamento que, saindo de uma imobilidade relacional, conquiste os atravessamentos possíveis de uma interpessoalidade dotada de qualidade e excelência.

É, pois, essa consciência de si mesmo que se pensa em propor como uma dinâmica que a estabeleça como ferramenta de mobilizações intrapessoais para a aquisição de habilidades importantes e que precisam ser colocadas como mediadores relacionais. E essa consciência é posta sobre os imperativos da dialogicidade preconizada pela MC, onde o pensamento é o articulador central das competências buscadas no sentido de conseguir uma cooptação de instrumentos que capacitem os integrantes de equipes multiprofissionais a desenvolverem habilidades interpessoais, que por sua vez estão para além do âmbito das capacidades técnicas

Quando o pensamento assume esse caráter investigativo sobre o si mesmo ele deflagra desenvolvimentos em esferas sutis nos domínios das relações e que passam despercebidas muitas vezes pelo próprio agente do comportamento. Não poucas vezes o comportamento desestruturante dá sinais de seu nascimento e desenvolvimento, no entanto, a ausência ou deficiência de um processo de monitoramento dessas ocorrências leva a rompimentos nos canais da fluência relacional. O princípio para a reabilitação de tais processos parece então, se apresentar como uma capacidade de autogestão que perpassa o perceber-se, e, para tanto é Moscovici (2013 p. 96), que diz que "a resolução de um problema pode significar descobrir e reconhecer algumas facetas de nossa personalidade que temos evitado ou desejado evitar até de pensar".

Essa raiz de qualidade facilitadora dos processos relacionais, chamada pensamento, tem em si todos os elementos necessários para, em sendo despertos em sua qualidade essencial, interferir de forma positiva na construção de um fazer mediador das relações coexistentes à MP através de construções que envolvam um processo educativo e este parece ter, sim, o potencial de que se desenvolva a partir do corpo. Mas o corpo parece precisar de uma mediação prévia em que o desenvolvimento autoconsciente se insinua como capaz de propor. E neste sentido, Damásio (2012 p. 140), trás que: "esse processo de acompanhamento contínuo, essa experiência do que o corpo está fazendo enquanto pensamos sobre conteúdos específicos continuam a desenrolar-se, é a essência daquilo que chamo de um sentimento".

Nesse ínterim se chega ao entendimento de que o aparato oferecido pela organização e sincronização entre a aplicação de uma MC e o desenvolvimento da instância emocional da inteligência capacitam o pensamento em um processo de raciocínio bem específico, no que diz respeito a que o sujeito que dirige tal pensamento possa perceber-se a partir do seu próprio corpo e os sentimentos nele gerados.

Em suma, parece existir um conjunto de sistemas no cérebro humano consistentemente dedicados ao processo de pensamento orientado para um determinado fim, ao qual chamamos raciocínio, e à seleção de uma resposta, a que chamamos tomada de decisão, com uma ênfase especial no domínio pessoal e social. Esse mesmo conjunto de sistemas está também envolvido nas emoções e nos sentimentos e dedica-se em parte ao processamento dos sinais do corpo. (DAMÁSIO, 2013, p. 80).

Concebendo as emoções como desencadeadores dos sentimentos, e que estes funcionam como facilitadores internos que guiam a comunicação relacional (DAMÁSIO, 2013), é preciso identificar suas relações neurofisiológicas e também neuroanatômicas para entender os processos em que essas interferências se dão.

Ao falar de pensamento refere-se aos processos das funções executivas superiores, onde a tomada de decisão tem uma importância significativa, pois trata-se do processo pelo qual se originam as respostas provocadas pelo interesse de resultados buscados, no caso particular aqui lançado a discussão, minimização ou dissolução de impedimentos relacionais comprometedores de um melhor desempenho profissional. E nesse sentido é Goleman (2007 p. 77), que mais uma vez contribui trazendo que "a chave para uma tomada de decisão mais sábia é, em suma, estar mais sintonizado com nossos sentimentos".

Dessa forma, os sentimentos apresentam-se como mais possíveis de conexão do que o contrário no que diz respeito aos processos de racionalização, antes direcionados apenas a atividades neocorticais, e que agora, são concebidos, também, em suas profundas relações subcorticais no que se percebem estruturas como a amídala cerebral – extremamente relacionada com as questões de regulação biológica – também envolvidas nos processos de inteligência quando propostos a partir de um raciocínio que se constitui através de uma dialogicidade envolvendo percepções projetadas sobre as emoções.

O hipotálamo, o tronco cerebral e o sistema límbico intervém na regulação do corpo e em todos os processos neurais em que se baseiam os fenômenos mentais, como por exemplo a percepção, a aprendizagem, a memória, a emoção, o sentimento e, ainda (...) o raciocínio e a criatividade. (DAMÁSIO, 2013 p. 123,).

A partir desses achados e pensando na dimensão que se percebe poder propor dessa relação dos estados mentais perscrutando estados do corpo naquilo que concerne às emoções e sentimentos dotarem de leituras as percepções que sobre esse corpo se lancem, é também necessário conceber que uma capacidade de extrema importância surge nesse eixo, e que tal capacidade é imprescindível para que se possa construir um

elo comum entre as percepções de si, as percepções do outro e os objetivos relacionais objetivados, ou seja, aqueles objetivos que sejam mais harmônicos para o melhor funcionamento das interações entre seres sociais.

Importante salientar que o que se faz referência neste momento diz respeito à empatia, fenômeno bastante estudado especialmente quando relacionado à pesquisas em IE, e que, em acordo ao que se propôs até agora, traz em seu caráter impreterível o fato de ser alimentada pelo autoconhecimento, importando dizer que, quanto mais consciente estivermos acerca de nossas próprias emoções, mais facilmente poderemos entender o sentimento alheio (GOLEMAN 2007). E essa parece ser a questão crucial quando se pensa em atravessar os entendimentos aqui lançados partindo de uma proposta de alfabetização emocional e que esta possa ser viabilizada futuramente por uma mediação que aconteça através de alguma interferência que se baseie em vivências relacionais, pois, de fato, controlar as emoções de outra pessoa – a bela arte de relacionar-se com os outros – exige o amadurecimento de duas outras aptidões emocionais: o autocontrole e a empatia (Op. Cit. p. 133).

E dessa forma entendemos que é de uma dialogicidade que se fala quando se introduz e empatia como elo de ligação entre o eu pessoal e o eu social, e são justamente os imperativos de uma capacidade dialógica, no que se refere às plenas condições de compreender o outro, que a empatia empresta liames para a conjunção de fundamentos no sentido da estruturação de caminhos facilitadores no acesso ao outro, quando nas relações de interação, naquilo que se entende quando Goleman (2007, p. 34) traz que "a empatia é um ato de compreensão tão seguro quanto a apreensão do sentido das palavras escritas numa página impressa". E não só isso, é a empatia decifradora de linguagens para além da oralidade e da concreção de discursos esparsos, pois lida em suas buscas e interações com uma espécie de *conjugalidade*, onde os processos de sua dialogicidade

partem de um princípio que preconiza a não alienação ao sentimento do outro, bem como um comungar com o outro dos conteúdos dos seus sentimentos, para que se possa aproximar da natureza de suas percepções tornando a compreensão o fator decisivo para os desenlaces relacionais que se possam estabelecer a partir dessa – assim como ficou identificada – química motora (Goleman, 2007).

Interessante observar que, segundo o próprio Goleman (2007, p. 62), citando Tichener, a concepção de "empatia vinha de uma espécie de imitação física da angústia de outra pessoa", trazendo a ideia de um princípio que sempre dialoga com a *fisicalidade*. E essa capacidade da empatia de apresentar um diálogo que está para além das comuns capacidades pertinentes ao discurso da fala, é que traz, também, a compreensão de que, segundo, mais uma vez Goleman (2007, p. 118) "esta chave para que possamos entender os sentimentos dos outros está em nossa capacidade de interpretar canais não-verbais: o tom da voz, gestos, expressão facial e outros sinais". E isso – é o que se propõe – só se vai alcançar através do recurso oferecido pela empatia, naquilo que esta se apresenta como manancial de tais capacidades.

Pode-se também expressar essa dialogicidade do que não é expressivamente dito pelos canais da oralidade e que foi apresentada supracitadamente quando trazida nos imperativos da empatia, naquilo que corresponde ao já consolidado entendimento de *feedback* quando visto em suas instâncias de dar e receber, que, assim como processo de comunicação que é, se constitui, do modo como traz Moscovici (2013, p. 102), como "uma das habilidades interpessoais imprescindíveis ao funcionamento produtivo de um grupo humano em qualquer contexto". Dessa forma, é possível relacionar não só as capacidades de dialogar consigo mesmo, trazidas pelo desenvolvimento de uma autoconsciência, bem como as capacidades de perceber os diálogos de outro, objeto das relações interpessoais, como também construir todo um processo de comunicação que

consegue conectar os polos humanos de uma relação viabilizando suas interações a partir de suas experiências.

Entende-se, portanto, que isso se dá em uma instância primeiramente metacognitiva, quando Davis, Nunes, A. Nunes, citando Flavell (1976), no que este apresenta os dois fatores primordiais que subsidiam o monitoramento ativo dentro dos processos de pensamento quando relacionados a MC, como sendo: Conhecimentos metacognitivos e Experiências metacognitivas. Em que os primeiros dizem respeito a um tipo de consciência que permite ao sujeito ter noção sobre conteúdos, domínios e práticas a que se envolve, no que se entendam por já dominados ou a se dominar, e trazendo em si a capacidade de avaliar se têm-se, ou não, condições de exercer domínio sobre os mesmos. Dito de outra maneira, essa capacidade pode ser entendida como a maneira pela qual o pensamento e as funções superiores – atenção, memória, raciocínio, compreensão – atuam na resolução de um problema (DAVIS, NUNES, A. NUNES, 2005). Já em relação às Experiências Metacognitivas, se entende como sendo competências de autorregulação que se pronunciam quando o indivíduo está em meio a tarefas que exigem a resolução de um problema, "permitindo ao sujeito tomar consciência do desenrolar da sua própria atividade" (Op. Cit. p. 212).

Através da habilidade de observar e relatar percepções de sentimentos, pode-se chegar a compreender melhor as outras pessoas, pois a comunicação se realiza por intermédio de vários canais concomitantes cujos sinais precisam ser captados para que as mensagens tenham significado total. (MOSCOVICI, 2013, p. 107).

No entanto, ao se pensar em uma comunicação que possa estabelecer um diálogo entre sentimentos, emoções e percepções físicas, e também, ao se pensar nas relações que tal comunicação viabiliza, e ainda, tudo isso estruturado e voltado para favorecer um envolvimento relacional mais harmonioso e profícuo entre os entes que atuam

grupalmente, chega-se ao entendimento de ser isto inviável sem que se possa estar bem firmado em um fundamento ético preciso. Não se pode ignorar que os atravessamentos relacionais desgastantes, a que se faz referência possibilidades de mediação, precisam ser trazidos à luz da ética e que esta possa ter conexão com a empatia e toda sua capacidade de dialogar com o outro a partir de uma aproximação nos níveis da relação aqui propostos, pois assim como propõe Depraz (2005, p. 28) "a empatia não é uma transposição em imaginação dos meus próprios estados psíquicos nos estados psíquicos do outro, mas a aparição sentida como comum de uma experiência vivida originalmente de modo compartilhado".

Quando se pensa em introduzir nesse trabalho uma diretriz ética, pondo-a como pilar que se propõe a amparar, não só as conduções relacionadas à Metacognição, como também as relacionadas à IE, não se pretende introduzir, de pronto, nos achados aqui lançados, qualquer modelo de intervenção prática que seja, muito embora, haja neste trabalho uma predisposição por visualizar a possibilidade – a médio ou longo prazo – de que se possa estruturar algum tipo de intervenção, prática e vivencial, que se coadune com as proposições aqui trazidas, por outro lado o que se procura, é sim, apresentar o sentido de uma ética que por essência seja prática, posto serem os conflitos trazidos aqui para a discussão, no contexto da MP, práticos e concretos, assim como todos os seus lastros. No entanto, se pensa de fato em uma ética atuante que se mova através das relações e entre estas.

Trata-se de um jeito de pensar ética que pode ser tido como característico de um tempo pós-moderno em que não se acredita ingenuamente em um progresso, mas em acordos locais e efêmeros e, nem por isso, destituídos de valor e importância para a reflexão de problemas que também passam a ser compreendidos como questões situadas. (TRINDADE, RASERA, 2013, p. 134).

A Ética Relacional (ER), portanto, parece ser a de adequação mais precisa a esses entendimentos, pois, surge como o que é proposto em sua essência, ou seja, uma dialogicidade que provoca os agentes da relação a se implicarem no processo de resolução das próprias problematizações que geram. "A proposta da ética relacional é, pois, entendida (...) como fomentadora de um diálogo de múltiplas possibilidades de sentidos os quais passam a coexistir no processo social de negociação". (Trindade & Rasera, 2013 p. 134)

É interessante observar que esse modelo ético tem relação direta com a dialogicidade, tão destacada mais acima, e que propõe a relação entre integrantes de equipes interdisciplinares como caminho para a resolução de dilemas. Mas também, não está distante do que preconiza o envolvimento empático, que por sua parte, pressupõe algo que se poderia apresentar como uma *aproximação interessada* em relação ao outro, que se dá até mesmo pelo aprofundamento – como um mergulho – nos sentimentos desse outro de modo intrínseco e respeitoso, como se concebe assim ser os entendimentos que a empatia traz.

A Ética Relacional pode ser compreendida como uma postura dialógica se refere justamente aos recursos conversacionais que cada um pode utilizar a fim de construir e sustentar a interação. Na presente reflexão, tal postura precisa se sustentar em concepções de mundo capazes de dar acolhimento à alteridade, bem como à diferença produzida na processualidade do encontro (Andrade e Moratto, 2004, apud. TRINDADE, RASERA, 2013, p. 136).

Essa é mesmo uma questão imprescindível para estimular o desenvolvimento de um trabalho em VI do modo como aqui vem se possibilitando visualizar como passível de ser futuramente proposto, onde o *feedback* se configura como um mediador importante em meio as potencialidades de recursos como os apresentados através da disposição empática, ao mesmo tempo em que relacionado aos conflitos (e, importante

dizer, não só interpessoais, como também intrapessoais, ou intrapsíquicos), tornando a proposição de uma ética dialógica de suma importância para a construção dos entendimentos aqui apresentados.

Mas afora essa projeção de uma atuação vivencial possível a *posteriori*, o que se estima nesse trabalho é construir entendimentos acerca de processos e meios que subsidiem os indivíduos a aperfeiçoarem as suas relações de grupo, especialmente quando se faz presente o contexto da MP, compatibilizando razões que digam respeito ao desenvolvimento de capacidades metacognitivas como estratégias que se associem ao desenvolvimento de estruturas condizentes a IE, se permitindo compreender que "a verificação das relações entre cognição e emoção poderia resultar no reconhecimento da capacidade do homem lidar com seu mundo emocional de forma inteligente, compatível com seus objetivos mais amplos de vida" (Woyciekoski & Hutz, 2009, p. 1).

E é justamente para este propósito que a IE pode figurar como recurso a ser mobilizado para o desenvolvimento de competências emocionais que sejam suficientes, ou minimamente úteis, para interferir positivamente nas tão reconhecidamente desgastadas relações humanas que permeiam o modelo multiprofissional de trabalho. Mas são justamente estas competências emocionais que muitas vezes faltam quando as incompatibilidades se ressaltam nos diversos fazeres que pressupõem a multiplicidade de domínios profissionais com os seus variados agentes, promovendo, inevitavelmente, uma efusão de subjetividades e que, necessariamente, chega-se a compreensão de que estas precisam ser harmonizadas e mobilizadas para o mais desejável desfecho funcional comum a todos que integram tais equipes profissionais, como também aos que dela esperam, quer na posição de agentes, gestores, ou mesmo como beneficiários dos serviços que lhes são ofertados.

Quantas dificuldades de comunicação, de relacionamento e de integração profissional poderão ter pessoas que trabalham juntas, mas que nunca se detiveram para examinar as diferenças de suas percepções a fim de diagnosticar alguns fatores determinantes dessas dificuldades que desgastam suas energias físicas e emocionais? (MOSCOVICI, 2013, p. 102).

Nessa ótica de um cuidado tão enraizado no humano, se faz necessário destacar o entendimento de que o indivíduo pode não ser um fim em si mesmo, mas o ser, no que tange as reflexões aqui propostas, é um fim em si mesmo quando entendemos que cada ser é o compêndio das suas experiências e interações, e que, nesse sentido, é um ente de encontros contínuos. É, dessa forma, uma síntese, por assim dizer, bem ajustada (ou não tão bem ajustada) e direcionada para o melhor aproveitamento da sua condução social e, portanto, objeto e fim para o que se deseja alcançar como proposição de um despertar de desempenhos adormecidos (ou talvez ainda não nascidos) nas construções do seu eu relacional. O ser, enquanto fenômeno existencial em constante modificação tem sobre si a responsabilidade de manutenção desse continuum de ajustamentos em relação ao coletivo, ou seja, a autorregulação constante, interessada e predisposta ao encontro igual e conciliatório dos comuns interesses humanos.

## Considerações Finais

A dialogicidade é certamente um imperativo inalienável desse trabalho. Pudemos ver a proposição de que a MC pode dialogar com a Inteligência Emocional, e que ambas, consonantemente, podem exercer a qualidade de somarem-se no sentido de dialogar com os sujeitos da questão problema, entendida aqui como relações conflituosas, e que estas têm por característica permear o epicentro de sua natureza de fissuras relacionais extremamente desgastantes para os entes desta relação, bem como para os outros entes correlacionados, como, no caso direcionado neste trabalho, aqueles que se servem do resultado da relação funcional, direta ou indireta desses primeiros. Mas também se compreende que essa dialogicidade pode se estender (e se entender) com Vivências Interacionais, que por sua vez, precisam dialogar com a Ética com fins da restauração de uma dialogicidade entendida como sadia, tanto nos ambientes em que se vivencie a MP quando nos espaços de aprendizagem onde, imperativamente, essa mesma dialogicidade disponibiliza o conhecimento necessário a este fim à quem a ela se integre.

No entanto, se pode perfeitamente perceber que a dialogicidade proposta nesse trabalho não converge para a oralidade unicamente, mas, a palavra converte-se em um dos elementos de trânsito, não só dos discursos de cada universo humano em questão, como também das disposições de interferência que se busca identificar como possíveis de uma mediação de habilidades interpessoais, pois como nos apresenta Brainer (2008, p. 58) "a esse respeito, há sempre um pequeno mal entendido em relação à palavra 'diálogo' que, originalmente, quer dizer 'travessia de algo pela palavra' e não a palavra partilhada entre duas pessoas". E essa travessia, impreterivelmente deve se dar

interpessoalmente em favor de uma melhor construção de competências humanas, como aponta Damásio (2012).

Muito embora a cultura e a civilização surjam do comportamento de indivíduos biológicos, esse comportamento teve origem em comunidades de indivíduos que interagiam em meios ambientes específicos. A cultura e a civilização não poderiam ter surgido a partir de indivíduos isolados e, portanto, não podem ser reduzidos a mecanismos biológicos e ainda menos a um subconjunto de especificações genéticas. A compreensão desses fenômenos requer não só a biologia e a neurobiologia, mas também as ciências sociais. (2012 p. 124).

É pensando o indivíduo na sua inteireza que se propõe o que aqui se propõe, tentando não por uma visão reducionista, pelo contrário, por uma visão dessa totalidade que não se alcança, que se discorre sobre as possibilidades de seguir junto às humanidades e suas inalienáveis interações objetivando qualificar seu transcurso histórico/relacional de modo que o valor aqui investigado, sobriamente entendido como não possível de esgotamentos teóricos, é uma disposição de dividir esforços na construção de entendimentos mais do que propriamente somar esforços por um objetivo individual de funcionalidade unicamente acadêmica.

No entanto, permite-se perceber que há possibilidades de entendimentos outros se insurgindo em meio a uma concreção tecnicista, e que estes sugerem, ao menos, um olhar mais cuidadoso para essas possibilidades. Quando se se depara com essas estagnações relacionais aqui refletidas, ou seja, os impedimentos emocionais geradores de embates interpessoais e trazidos pelos conflitos advindos das relações humanas, não se sabe exatamente onde elas surgem, se são produzidas pelo ego de alguns profissionais, se são injetadas pela dinâmica organizacional nos ambientes de trabalho, se são construídas por alguma fragilidade social, assim como o distanciamento social (este último talvez equivocadamente depreciado pela academia e entendido como uma

enculturação espontânea), ou outros, porém, se estas são previsíveis, muito embora sejam de caráter multifatorial, urge-se entender que conviver com os limites impostos por tais condições é no mínimo um desperdício ao desenvolvimento humano.

A capacidade de lidar com emoções e sentimentos é e pode ser aprendida, treinada, desenvolvida, aperfeiçoada. Esta aprendizagem significa competência emocional e faz parte inerente do desenvolvimento interpessoal, ainda bastante negligenciado na sociedade tecnológica contemporânea. (MOSCOVICI, 2013, p. 260).

Nesse contexto, deparando-se com estudantes em formação especialização, e aqui não se refere estritamente ao que diz respeito às áreas de saúde (até porque o fenômeno dos conflitos interpessoais de grupos não está relegado somente às equipes que vivenciem a MP nas áreas – tanto na formação quanto na atuação - de saúde), mas de todas as áreas que porventura se utilizem desse modelo de trabalho – ou se predisponham a ele -, seria interessante, e por que não dizer necessário, atravessar conhecimentos dessa ordem para possibilitar que agentes relacionais que trazem possam comportamentos prejudiciais para equipes de trabalho ganhar instrumentalização necessária à interação, de modo que estes possam combater tais intercorrências negativas, chegando até mesmo a dissuadi-las antes que se cristalizem nos fazeres de profissionais ainda quando recém-introduzidos no mercado de trabalho.

## Referências

GOLEMAN, D. Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária Que Define O Que É Ser Inteligente – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

WOYCIEKOSKI, C. HUTZ, C. S. Inteligência Emocional: Teoria, Pesquisa, Medida, Aplicações E Controvérsias. Psicologia E Crítica, 22(1), 1-11. Universidade do Rio Grande do Sul, 2009.

PEREIRA, S. H. **Educação Emocional E Aprendizagem**. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2002.

GONZAGA, A. R. MONTEIRO, J. K. Inteligência Emocional No Brasil: Um Panorama Da Pesquisa Científica. Psicologia: Teoria e Pesquisa, abr/jun 2011, vol. 27, n. 2, pp. 225-232.

MACEDO, P. C. M. **Desafios Atuais No Trabalho Multiprofissional Em Saúde**. Rev. SBPH V. 10 N. 2 Rio de Janeiro dez. 2007.

DAMÁSIO, A. R. O Erro De Descartes: Emoção, Razão E O Cérebro Humano. 3ª edição, São Paulo. Companhia Das Letras, 2012.

DAVIS, C. NUNES, M. M. R. NUNES, C. A. A. **Metacognição E Sucesso Escolar: Articulando Teoria E Prática**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125, p. 205-230, maio/ago. 2005.

ANDRETTA, I. SILVA, J. G. SUSIN, N. FREIRE, S. D. **Metacognição E Aprendizagem: Como Se Relacionam?** Psico, Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 1, pp. 7-13, já n./mar. 2010.

DEPRAZ, N. A. Ética Relacional: Uma Prática De Ressonância Interpessoal. Revista do Departamento de Psicologia – UFF, V. 17 – n. 2, p. 19-34, jul./dez. 2005.

LA TAILE, Y. De. **Moral E Ética: Uma Leitura Psicológica**. Psicologia: Teoria E Pesquisa. 2010, vol. 26. Especial, pp. 105-114.

ARAÚJO, T. A. M. Multiprofissionalidade E Interprofissionalidade Em Uma Residência Hospitalar: O Olhar De Residentes E Preceptores. Interface, Comunicação Saúde Educação, 2017; 21(62): 601-13.

CARDEIRA, A. R. **Educação Emocional Em Contexto Escolar**. Psicologia.pt. O Portal dos Psicólogos. Instituto Superior Dom Afonso III (INUAF); Portugal, 2012.

BACKES, D. S. CARPES, A. D. PIOVESAN, C. HAEFFNER, L. S. B. BÜSCHER, A. LOMBA, L. **Trabalho Em Equipe Multiprofissional Na Saúde: Da Concepção Ao Desafio Do Fazer Na Prática**. Disciplinarum Scientia. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 15, n. 2, p. 277-289, 2014.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento Interpessoal**. 22ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 2013.

TRINDADE, F. M. O. RASERA, E. F. Considerações Sobre Uma Ética Relacional. Psico. V. 44, n. 1 pp. 130-138, jan/mar 2013.

BRAYNER, F. H. A. Educação E Republicanismo: Experimentos Arendianos Para Uma Educação Melhor. Líber Livro Editora, 2008.